

# Qual é o lugar da mulher?<sup>1</sup> Estereótipos do gênero feminino em 28 anos da Revista Ciência Hoje das Crianças

## Where exactly is a woman's place? Gender stereotypes in 28 years of the Revista Ciência Hoje das Crianças

**Carolina Destro de Angelis**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, campus Botucatu  
*c.angelis@unesp.br*

**Thadeo Poianas Silva**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, campus Botucatu  
*mariana.poianas@unesp.br*

**Paulo César Gomes**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, campus Botucatu  
*pc.gomes@unesp.br*

### Resumo

Este artigo integra uma pesquisa mais ampla sobre estereótipos. Nosso objetivo é compreender, a partir da proposta semiótica apresentada por Roland Barthes, como se dá a representação do gênero feminino em imagens cartunizadas referentes ao trabalho doméstico, bem como, sua frequência em 28 anos da Revista Ciência Hoje das Crianças, no período de de 1990 a 2017. Essa revista traz inúmeras ilustrações da representação do trabalho doméstico atreladas ao gênero feminino. Os resultados sugerem que a representação feminina, de modo prevalente, é ilustrada em condição de submissão e passiva à figura masculina, em condição de inferioridade, desigualdade e até mesmo tem seu enquadramento representado de forma secundarizada no plano da imagem. Prevalentemente, a atividade feminina é representada pelas já premeditadas socialmente: a costurar, a cozinhar, a cuidar dos filhos e da casa, a passar e dobrar roupas, a descascar cebolas, a tirar o lixo, entre outras.

**Palavras-chave:** estereótipos de gênero, trabalho doméstico, Revista Ciência Hoje das Crianças

### Abstract

This article integrates a broader research on stereotypes. Our objective is to understand, from the semiotic proposal presented by Roland Barthes, how the representation of the female gender is given in cartoon images related to domestic work, as well as its frequency in 28 years of the Journal Ciência Hoje das Crianças, in the period of 28 years: from 1990 to 2017. This magazine brings numerous illustrations of the representation of domestic work tied to the

---

<sup>1</sup> Este texto foi todo escrito considerando o gênero feminino.

female gender. The results suggest that the female representation, in a prevalent way, is illustrated in a condition of submission and passive to the male figure, in condition of inferiority, inequality and even has its framework represented in a secondary way in the plane of the image. Prevalently, female activity is represented by already socially premeditated: sewing, cooking, taking care of children and the house, ironing and folding clothes, peeling onions, taking out garbage, among others.

**Keywords:** gender stereotypes, domestic work, Revista Ciência Hoje das Crianças

## Considerações Iniciais

A Revista Ciência Hoje das Crianças (doravante, CHC) é um importante veículo de difusão da Ciência entre crianças e adolescentes das mais diferentes faixas etárias. Produzida e mantida pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) foi criada em 1986 e tem por objetivo a divulgação científica, contudo, também incentiva o interesse do público leitor pela literatura, Ciência e pelos costumes brasileiros (CORRÊA, 2015; GOUVÊA, 2005; 2000; MASSARANI, 2005, 1999). A CHC trata-se de uma revista com publicações e seções bem diversificadas, seus sumários abordam temas de ciências, costumes, geografia, comportamento, história, atividades de experimentação, ciência na cozinha, jogos, profissões, curiosidades, história em quadrinhos com mascotes da CHC, a seção cartas, entre outras (CORRÊA, 2015). A revista tem ampla distribuição nas bibliotecas escolares já que manteve parceria com o Ministério da Educação e Cultura, pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, no qual "178.143 edições da CHC impressa foram distribuídas para escolas públicas em 2014" (CORRÊA, 2015, p. 24-5). Salienta-se que, enquanto ferramenta largamente utilizada por professoras da área de ciências e biologia como material de apoio e alternativo ao material didático tradicional, a CHC é reconhecida como fonte de conhecimento às jovens. Além disso, atesta sua capacidade de transposição didática e adequação de conteúdos científicos para uma linguagem acessível ao grande público, de forma a apoiar o hábito de leitura (GOUVÊA, 2005; 2000). A CHC publica, além do texto escrito (acessível em suas páginas em papel e mesmo no endereço da web), inúmeras imagens, dentre estas: esboços, pictogramas, fotografias, cartuns e outras, como forma de atrair a atenção das jovens ao texto escrito. As imagens inseridas na revista realizam sátiras, criam conflitos ou até entram em sintonia com o texto escrito (escritura). Questiona-se: será que a cartunista teve contato direto com o texto de divulgação científica ou apenas recebeu uma temática para ser ilustrada?

Realizar a leitura de mídia talvez seja um dos grandes desafios a professoras e estudantes da área das ciências. A esse respeito, Buckingham (2003), questiona como se avalia a aquisição desta formação para compreender a mídia: o que as jovens sabem sobre mídia? Como adquirem a chamada leitura crítica de mídia? A Educação para a Mídia seria a resposta para os problemas acerca da sobreposição cultural e da propagação da cultura (mítica) hegemônica pelas antigas (*broadcasting*) e novas detentoras (*narrowcasting*) da difusão midiática, em alta desde o início da ampla difusão da web?

Joly (2005), acerca das imagens, esclarece: são puras representações. A imagem ao se parecer, não é a própria coisa senão representação do real, contudo, assume função de substituí-lo, evocá-lo, quer dizer algo ou seu contrário pelo processo de semelhança - neste sentido, são signos. Poderia, para ela, classificar em imagens perfeitamente semelhantes ou ícones puros (filmes, fotografias, vídeos) produzidos a partir da emissão de ondas da coisa registradas, além de outras como o cartum, a caricatura, a pintura. Acerca da não naturalidade do processo de semiose, Joly (2005) destaca mesmo as imagens realistas não se tratam, pois de miniaturas da realidade, existindo, assim, diferenças entre a imagem e a realidade que ela

definitivamente busca retratar. Para a autora, apenas um aprendizado precoce permitiria reconhecer tais imagens como equivalentes da realidade, negociando tanto com regras de transformação quanto com as diferenças - não se trata de leitura de imagem, no sentido semiótico, assim,

A confusão é a que muitas vezes foi feita entre **percepção e interpretação**. Com efeito, **reconhecer este ou aquele motivo não significa que se compreenda a mensagem da imagem** no seio da qual o motivo pode ter uma significação muito particular, ligada tanto ao seu contexto interno como ao do seu aparecimento, **às expectativas e aos conhecimentos do receptor** (JOLY, 2005, p. 46, grifos nossos).

Barthes (2015) concorda que quanto maior for o repertório cultural daquela que interpreta a mensagem, maior será o número de signos interpretados e especificidade de “leitura” realizada. Quando consideramos, a CHC, ao inserir textos e imagens em suas páginas, é a jovem leitora quem faz, a partir de seu próprio repertório cultural e dos signos presentes, a leitura da "cena cultural" (BARTHES, 2015). Aliás, este autor, no texto "A retórica da imagem" que analisa uma propaganda das massas Panzani, reconhece e identifica três principais mensagens: (a) a cena literal (ou a mensagem icônica não codificada); (b) a cena cultural (ou mensagem codificada); (c) a mensagem linguística.

Nosso objetivo central neste artigo é compreender como se dá a representação do gênero feminino em estereótipos referentes ao trabalho doméstico, bem como, sua frequência em 28 anos da Revista Ciência Hoje das Crianças. Num período de 28 anos, isto é, de 1990 a 2017, contabilizamos e selecionamos para análise nesta pesquisa um total de 203 revistas.

### **Gênero e trabalho doméstico: uma construção cultural?**

É necessário para o entendimento acerca dos papéis sociais impostos, que há uma lacuna entre o que chamamos de sexo biológico e gênero. O primeiro traz consigo a definição biológica do ser, ou seja, é limitado a características cromossômicas e sexuais primárias (englobando a diferenciação embriológica e entre os órgãos genitais), assim, concebe a definição de sexo biológico por macho, fêmea ou intersexo. Já o gênero, é definido por arranjos sociais e psicológicos no qual o indivíduo irá sofrer influência de uma bagagem cultural do meio em que está inserido. A definição de gênero pode ser complementada de acordo com o *American Psychological Association* (2011) que destaca pontos como sentimentos e comportamentos que uma cultura relaciona com o sexo biológico. Ressalta que esse comportamento é forçado a ser compatível com a cultura, quando este destoa do premeditado, revela uma não conformidade de gênero.

Scott (1986), uma historiadora americana que produziu e publicou trabalhos acerca da história das mulheres em uma perspectiva de gênero, apontava em seu artigo "*Gender: A Useful Category of Historical Analysis*" que a definição de gênero era subdividida em dois tópicos interrelacionados. O primeiro, colocava a questão como um elemento essencial para conseguir uma construção de relações sociais e era guiado pela diferença entre o sexo biológico. O segundo, colocava o gênero como um elemento de ressignificação de relações de poder.

Durkheim (2007) disserta sobre os fatores sociais em três eixos em que cada um possui características básicas: (a) no primeiro, há a coesão social (regras, valores, crenças); (b) no segundo, há a exterioridade (vontades coletivas que existem independentemente das vontades individuais); (c) por fim, no terceiro, há a generalidade (que é a aceitação da maioria). Todos esses fatores sociais são impostos pela sociedade como um conjunto de leis que precisam ser seguidas pela maioria. Diante disso, percebe-se que a designação de gênero está vinculada

intrinsecamente a esses fatores.

É visível no cotidiano que a cisheteronormatividade é imposta sobre os corpos, não permitindo a livre expressão da individualidade humana. Tal afirmação é denotada por Amato *et al* (2007) que ressaltam o papel que a mulher executa em um casamento heteronormativo ideal, no qual, na maioria das vezes, ela se dedica incessantemente para as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. A submissão da mulher é claramente ressaltada pelas relações e interações grupais em que ela está inserida, limitando-a a um papel de gênero.

### O feminino representado e a representação do feminino

Nas últimas décadas no Brasil, foram apresentadas pelos autores Bandeira e Preturlan (2016) que no mercado de trabalho, nas relações familiares e na demografia brasileira há um modelo patriarcal prevalente, já discutido anteriormente, no qual o homem é considerado o provedor da casa e a mulher é responsável por trabalhos domésticos não remunerados. Se uma análise for realizada na vida não empírica e cotidiana de uma mulher, veremos que muitas vezes ela se encontra exercendo um trabalho remunerado e externo ao lar, além de ser responsável pelo trabalho do lar, configurando em uma dupla ou tripla jornada de trabalho. Nesse sentido, os dados do Quadro 1 (IBGE, 2020), a seguir, destacam essa sobrecarga de trabalho das mulheres.

**Quadro 1:** Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos, pessoas com 14 anos ou mais

Média de horas dedicadas pelas pessoas de 14 anos ou mais de idade aos afazeres domésticos e/ou às tarefas de cuidado de pessoas, por sexo				
Brasil				
Sexo	Ano			
	2016	2017	2018	2019
Total	16,7	16,5	16,8	16,8
Homens	11,0	10,8	10,9	11,0
Mulheres	20,9	20,9	21,3	21,4
Mulheres - Homens	9,9	10,1	10,4	10,4

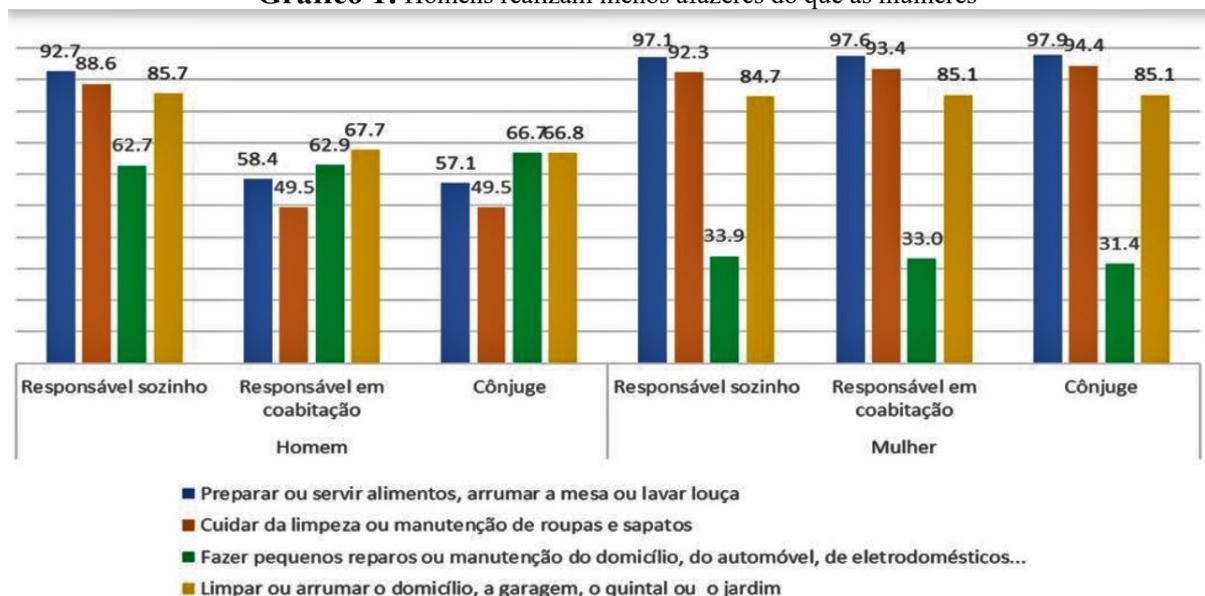
**Fonte:** IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual

**Fonte:** IBGE (2020)

Villas-Boas (2011) discorreu sobre a desigualdade de gênero que assola as relações entre homens e mulheres, se agravando quando há separação entre a esfera familiar, laboral e pessoal. A mulher possui um papel no qual é imposta a sua presença em todas essas esferas, em que não se pode relacionar umas com as outras, trata-as de forma individual. A onipresença da mulher configura a desigualdade de gênero, uma vez que o homem, muitas vezes, exime sua presença nas esferas e responsabilidades conjuntas, já que os papéis sociais e culturais não lhe atribuem essas obrigações. Porém, essa isenção masculina não é e não deve ser justificada por esses fatores. Bernard Zarka (1990) apresentou uma tipologia que fazia divisão das tarefas domésticas em três grupos: o grupo de tarefas domésticas femininas (executada estritamente por mulheres), o grupo das tarefas masculinas (executadas estritamente por homens) e o grupo das tarefas domésticas negociáveis, que eram executadas

por mulheres na maior parte das vezes e apenas um terço dos homens participavam dessas.

**Gráfico 1:** Homens realizam menos afazeres do que as mulheres



Fonte: IBGE (2020)

A teoria proposta por Zarca (1990) é comprovada com dados do IBGE (2020) de anos atuais (Ver, por exemplo, Quadro 1 e Gráfico 1), que apontam a desigualdade de gênero e a fuga do homem dos afazeres domésticos. Nos anos de 2019 foi demonstrado que a população feminina maior de 14 anos se dedicava a 21,4 horas semanais a afazeres domésticos e cuidados com terceiros, enquanto eram dedicados pelos homens para as mesmas atividades apenas 11 horas semanais. Quando analisamos os dados do Quadro 1, percebemos um ligeiro aumento da média de horas em que homens e mulheres se dedicaram conjuntamente aos trabalhos domésticos: de 9,9 a 10,4 entre os anos de 2016 a 2019. Contudo, nesse mesmo Quadro 1, percebe-se que o número de horas dedicadas pelas mulheres ao trabalho doméstico aumentou enquanto, para os homens este número variou e, apesar disso, manteve-se constante. O IBGE cita ainda que os homens só conseguem se equiparar a porcentagem e às horas das mulheres com afazeres domésticos quando eles se encontram morando sozinhos.

## Metodologia

O pesquisador social deveria incorporar a suas pesquisas a análise de imagens (dentre uma infinidade de possibilidades, há cartuns, caricaturas, pictogramas, fotografias, pinturas, filmes, arquivos de vídeos, desenhos, diagramas) por duas principais razões: (a) a onipresença das imagens nas sociedades; (b) a incorporação de imagens pode revelar algum conhecimento sociológico não acessível por outros meios (BANKS, 2009). Esta pesquisa talvez se aproxime no que este autor nomeia de corrente visual, que busca e coleta imagens a serem consumidas pelos sujeitos da pesquisa no qual “o foco do projeto de pesquisa é mais obviamente visual, e os sujeitos de pesquisa têm, de forma mais evidente, uma conexão social e pessoal com as imagens” (idem, p.21). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na modalidade de pesquisa documental e exploratória (GIL, 2017). Este autor destaca que a pesquisa documental geralmente dispõe de grande número de documentos a serem analisados pelo pesquisador, neste caso, tratam-se de documentos de “primeira mão”, isto é que não receberam nenhum tratamento analítico e que se tratam de registros cursivos, de natureza persistente e continuada. Desta forma, após aquisição por assinatura do link permanente de acesso aos

trinta anos da CHC, optamos pela análise de 28 da CHC que apresentaram, de forma on-line, 11 volumes publicados. Dessa forma, buscamos no período de 1990 a 2017, a representação do gênero feminino associado ao trabalho doméstico. Mês a mês de publicação, realizamos buscas por cartuns que representassem o gênero feminino associado de alguma forma ao trabalho doméstico. Todas as outras representações do trabalho doméstico e que não incluíssem referência ao gênero feminino (pelo uso do estereótipo, cor rosa, por exemplo), estas foram desconsideradas. Coletamos as imagens e realizamos um banco para armazenamento e contagem posterior.

## Resultados e Discussão

Numa análise prévia dos volumes, foi notado que as atividades domésticas cartunizadas comumente são representadas de forma associada ao gênero feminino, quase que de forma onipresente (ver Figura 1).

**Tabela 1:** Análise do Tema Estereótipo Relacionado a Tarefas Domésticas - Revista Ciência Hoje das Crianças

Ano/Mês	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	N.º/Ano
1990	X	X	X	X	X	X	X	X	0	0	0	X	0
1991	0	X	0	X	0	X	0	X	0	X	0	X	0
1992	X	X	0	X	X	X	X	X	0	X	X	0	0
1993	X	X	1	X	X	0*	X	X	X	0	0	0	1
1994	X	0	0	0	0	1	0	0	X	0	0	0	1
1995	X	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
1996	X	X	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2
1997	X	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	4
1998	X	1	0	0	1	1	2	0	0	0	0	0	5
1999	X	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2
2000	X	0	X	0	X	0	1	0	0	0	3	0	4
2001	X	0	0	2	0	0	0	1	0	0	1	0	4
2002	X	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2003	X	0	1	X	0	0	0	0	0	0	0	0	1
2004	X	0	X	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
2005	X	0	1	0	0	X	0	0	0	0	0	0	1
2006	X	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
2007	X	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	3
2008	X	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	3
2009	X	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	4
2010	X	0	0	0	1	0	1	0	2	1	1	1	7
2011	X	1	0	0	0	0	1	2	1	2	1	0	8
2012	X	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	3
2013	X	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
2014	X	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2

2015	X	0	0	0	0	1	1	2	1	0	0	0	5
2016	X	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
2017	X	0	0	0	X	X	X	X	X	X	X	X	0
Total	0	2	5	3	6	3	6	6	10	6	9	10	75

**Fonte:** Dados extraídos da Revista Ciência Hoje das Crianças pelos autores desta pesquisa.

**Nota 1:** (\*) consta 2 edições referentes ao mês de junho no ano de 1993, ambas possuem um total de 0 imagens estereotipadas. **Nota 2:** “X” indicam meses que não existem edições na página *web* da CHC. O “0” indica edições existentes, mas que não apresentaram nenhum estereótipo. As letras J, F, M, A, M, J, J, A, S, O, N, D, indicam os meses do ano.

**Figura 1:** Imagens consideradas neste artigo



**Fonte:** Imagens extraídas da Revista Ciência Hoje das Crianças (CHC) de 1990 a 2017.

Na contagem inicial, percebemos que a representação do gênero feminino prevalentemente esteve cartunizada em posição de submissão, inferioridade e desigualdade. Além disso, o gênero feminino esteve representado em planos visuais abertos e representados de forma secundária. Quando representado, não era o foco principal da ação representada, mas tendeu a permanecer na realização de tarefas e atividades socialmente premeditadas para a mulher.

Eleito o tema “Tarefas Domésticas” para esta pesquisa, selecionamos representações cartunizadas para a leitura das imagens da representação do gênero feminino em relação a essas atividades. Prevalentemente, o gênero feminino esteve representado como principal “agente ativo” ou “protagonista da ação” quando a representação das atividades domésticas esteve presente. Este também protagonizou como agente principal das atividades domésticas nos ambientes familiares e como responsável unilateral pelo cuidado com os filhos e animais domésticos. A Tabela 1, acima, apresenta uma contagem realizada no período supramencionado (na Tabela 1, a última coluna indicada por N.º/Ano refere-se ao número de imagens do trabalho doméstico representadas pelo gênero feminino identificadas, aqui consideradas e, localizadas na CHC).

## Considerações Finais

Barthes (2015) afirma que o mito é uma fala despolitizada, um discurso sem pretensão de esconder ou omitir nada. Para ele, o mito revela e expõe, na forma de verdade, um traço de uma dada realidade como se essa fosse hegemônica, de modo a naturalizá-la. Assim, o mito presente no discurso por trás das formas cartunizadas do trabalho doméstico tenta manter hegemônico que o lugar do gênero feminino é ainda restrito a tarefas mais básicas como o cuidado com os filhos e filhas, em lavar a louça, em carregar água com baldes na cabeça, em amamentar, cozinhar, costurar, descascar cebolas e até retirar o lixo. Ao retratar o gênero feminino em papéis secundários e de forma submissa àqueles que realizam a ação principal na imagem – sabidamente das chamadas tarefas domésticas – denota uma visão machista de sociedade e que resiste a mudanças. Visão esta, que ainda tenta demonstrar para a adolescente-mulher (leitora atenta da CHC) qual é seu lugar na sociedade. Os cartuns da CHC exprimem uma narrativa, um mito, acerca do trabalho doméstico e do papel da mulher em relação a ele. Por fim, salienta-se que o processo de Educação para a Mídia pode sim ampliar a percepção de professoras em formação inicial e das estudantes da Educação Básica (BUCKINGHAM, 2019; 2003). Como Joly (2005) bem destacou o processo semiótico na interpretação da imagem não é espontâneo ou ocorre de maneira natural. Assim, gestoras de cursos de formação de professoras preocupadas com a visão ainda ingênua acerca de imagens em livros didáticos e em veículos de divulgação científica, como a CHC, deveriam investir em propostas críticas de interpretação de imagens e processos semióticos associados.

## Agradecimentos e apoios

Os autores agradecem o apoio financeiro da Prograd/Unesp no Programa Núcleos de Ensino.

## Referências

AMATO, Paul R.; BOOTH, Alan; JOHNSON, David R.; ROGERS, Stacy J. **Alone together:** How marriage in America is changing. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Guidelines for psychological practice with lesbian, gay, and bisexual clients. **American Psychologist**, v. 67, n. 1, p. 10–42, 2012.

- BANDEIRA, Lourdes Maria; PRETURLAN, Renata Barreto. As pesquisas sobre uso do tempo e a promoção da igualdade de gênero no Brasil. Em: FONTOURA, Natália; ARAÚJO, Clara (orgs.). **Uso do tempo e gênero**. Brasília: Secretaria Especial de Política para Mulheres; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 43-59, 2016.
- BANKS, Marcus. **Dados visuais para a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BUCKINGHAM, David. **Media Education: Literacy, Learning and Contemporary Culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.
- BUCKINGHAM, David. **The Media Education Manifesto**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- CORRÊA, Mariana Rocha Amarante. **Divulgação científica na internet: um estudo de caso sobre a Ciência Hoje das Crianças Online**. 2015. 148p. Dissertação de Mestrado. (Mestre em Ensino em Biociências e Saúde). Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Em web: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/12874/1/mariana\\_correa\\_ioc\\_mest\\_2015.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/12874/1/mariana_correa_ioc_mest_2015.pdf) Acesso em 30.10.2020.
- DUARTE, Maria da Conceição. A história da ciência na prática de professores portugueses: implicações para a formação de professores de Ciências. **Ciência & Educação**, v. 10, n.3, p. 317-331, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 3. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.
- GONÇALVES, Fábio Peres; MARQUES, Carlos Alberto. Contribuições pedagógicas e epistemológicas em textos de experimentação no ensino de química. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 11, n. 2, p. 219-238, 2016.
- GOUVÊA, Guaracira. **A divulgação científica para crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças**. 2000. 305p. Tese (Doutorado em Educação Gestão e Difusão Em Biociências). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2000.
- GOUVÊA, Guaracira. A revista Ciência Hoje das Crianças e práticas de leituras do público infantil. In: MASSARANI, L. (Org.) **O pequeno cientista amador: a divulgação científica e o público infantil**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2005. p. 47-57.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- IBGE. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas> . Acesso em: 23 jun. 2021.
- JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 262–275, 2010.
- MASSARANI, Luísa. **O pequeno cientista amador: a divulgação científica e o público infantil**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ, 2005.
- MASSARANI, Luísa. Reflexões sobre a divulgação científica para crianças. In:

**CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 22, 1999. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 1999. pp.1-5.

SCHABBACH, Letícia Maria; SCHABBACH, Letícia Maria. A reprodução simbólica das desigualdades entre mulheres e homens no Brasil. **Opinião Pública**, v. 26, n. 2, p. 323–350, 2020.

SCOTT, J. W. Gender: a useful category of historical analysis. **American Historical Review**, vol. 91, nº 5, p. 1.053-1.075, dez. 1986.

VILLAS-BOAS, Susana. Discursos sobre a igualdade de género na UBI. In: OLIVEIRA, Catarina Sales; VILLAS-BOAS, Susana (coord.). **Igualdade de género: responsabilidade social e cidadania**, Covilhã, Universidade da Beira interior, pp. 69-73, 2011.

ZARCA, Bernard. La division du travail domestique: Poids du passé et tensions au sein du couple. **Économie et Statistique**, 228, pp. 29-40, 1990.